



## Programa Jovem Centenário Ellen G. White

### ELLEN G. WHITE E SEU MINISTÉRIO PROFÉTICO

Louvor 420 (Oh que amigo em Cristo temos) 278 (Tal qual estou) 72 (Saudai o Nome de Jesus)	15 minutos
Oração Inicial	2 Minutos
Introdução	7 Minutos
Mensagem Musical	4 Minutos
Encenação	7 Minutos
Testemunho	7 Minutos
Concurso Bíblico	10 Minutos
Momento de Oração	10 Minutos
Mensagem Musical	4 Minutos
A Primeira Visão	7 Minutos
Mensagem Bíblica e Oração Final	10 Minutos

**Louvor** – O louvor pode ser feito com os hinos preferidos de Ellen G. White. São eles: Saudai o nome (72), Meu Divino (97), Ouvei Jesus me dizer (187), Tal qual estou (278), Sou peregrino (334), Bendita Hora (419), Oh que amigo (420), Lar Feliz (572). Não é regra, podem ser cantadas as músicas preferenciais da Igreja e, principalmente, dos jovens. Este é somente uma sugestão.

**Oração Inicial** – Pode ser feita por quem está dirigindo o louvor ou se por alguém do auditório-Igreja.

**Introdução** – Ellen G. White foi uma pessoa de notáveis talentos espirituais, que viveu a maior parte de sua vida durante o século 19 (1827-1915). Contudo, através de seus escritos, ela continua exercendo um extraordinário impacto sobre milhões de indivíduos ao redor do mundo.

Durante toda a sua vida ela escreveu mais de 5.000 artigos e 49 livros; mas hoje, incluindo compilações de seus manuscritos, mais de 100 livros estão disponíveis em inglês, e cerca de 70 em português. Ellen G. White é a escritora mais traduzida em toda a história da literatura. Seus



escritos abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo religião, educação, saúde, relações sociais, evangelismo, profecias, trabalho de publicações, nutrição e administração. Sua obra-prima sobre o viver cristão feliz - Caminho a Cristo - já foi publicada em cerca de 150 idiomas.

Os Adventistas do Sétimo Dia creem que Ellen White foi muito mais que apenas uma escritora talentosa – creem que ela foi apontada por Deus para ser uma mensageira especial, a fim de atrair a atenção de todos para as Sagradas Escrituras, e ajudá-los a se prepararem para a segunda vinda de Cristo. Desde os 17 anos de idade até a ocasião de seu falecimento aos 87 anos, Deus lhe concedeu cerca de 2000 sonhos e visões. As visões variavam em duração, podendo ser de menos de um minuto até cerca de quatro horas. O conhecimento e conselhos recebidos através dessas revelações foram por ela escritos, a fim de serem compartilhados com outros. Assim, seus escritos são aceitos pelos Adventistas do Sétimo Dia como inspirados, e a qualidade excepcional dessas obras é reconhecida mesmo por leitores ocasionais.

**Mensagem Musical** – O organizador do programa escolhe o(a) cantor(a).

**Encenação – “Os primeiros anos”** – Nessa encenação conta-se como foram os primeiros anos de Ellen G. White. Podem ser feitas cenas mudas ou criarem-se alguns diálogos, intercalados com a narração.

A 26 de novembro de 1827 nasceram duas meninas gêmeas à casa de Roberto e Eunice Harmon. Ellen e Elisabete foram os nomes dados a essas meninas. A pequena fazenda da colina (agora conhecida como “Fort Hill Farm”), ficava perto da vila de Gorham, Maine, cerca de dezenove quilômetros a leste de Portland, Maine, no nordeste dos Estados Unidos. Visto haver oito filhos na família Harmon, podemos ter certeza de que a casa era um lugar interessante e movimentado. Poucos anos depois do nascimento das gêmeas, contudo, Roberto Harmon abandonou o trabalho da fazenda e se mudou para a cidade de Portland onde se dedicou a negócios. Durante a infância, a ativa e alegre Ellen ajudava no trabalho de casa e auxiliava o pai na manufatura de chapéus. Com nove anos de idade, uma tarde ao voltar da escola para casa, foi ferida por uma pedra que a colega de classe lhe atirou. Esse acidente quase lhe custou à vida.

Ficou inconsciente durante três semanas, e nos anos seguintes sofreu grandemente como resultado do sério ferimento no nariz. Ellen era incapaz de continuar os trabalhos escolares, e parecia a todos que a menina antigamente promissora não poderia viver por muito tempo. No ano de 1840, Ellen assistiu, com os pais, à reunião campal metodista em Buxton, Maine, e lá, com a idade de 12 anos, entregou o coração a Deus. Voltando para casa, por sua insistência foi batizada por imersão pelo ministro metodista nas ondas revoltas do Oceano Atlântico, que banhava as praias de Portland, e nesse mesmo dia foi recebida como membro da igreja metodista.

**Testemunho** – Neste momento pode ser escolhido alguém para contar como foi seu primeiro contato com a Obra de Ellen G. White e/ou como é seu relacionamento com os escritos dela. Pode ser feito uma entrevista em forma de testemunho.



## **Concurso Bíblico – 10 Perguntas sobre o Ministério de Ellen G. White**

*Observação:* Para que todos possam participar, as perguntas podem ser em relação à introdução e a encenação feita momentos antes.

### **Sugestão de Perguntas.**

Qual o século que viveu Ellen G. White?

R: 19

Qual o ano de nascimento de Ellen G. White?

R: 1827

Qual o ano da morte de Ellen G. White?

R: 1915

Quantos livros escreveu Ellen G. White?

R: 49

Qual livro é considerado uma obra Prima sobre o viver Cristão?

R: Caminho a Cristo

Em quantas línguas foram traduzidas o livro Caminho a Cristo?

R: 150

Quantos filhos tinham os pais de Ellen G. White (contando com ela)?

R: 8

Com que trabalhava o pai de Ellen G. White?

R: Chapéus

Que acidente ela sofreu ainda quando jovem?

R: Foi atingida por uma pedra por uma colega de escola

Em que Igreja Ellen G. White foi batizada aos 12 anos de idade?

R: Na Igreja Metodista a qual sua família fazia parte

**Momento de Oração** – Pode ser feito um momento de oração onde a igreja se divide em pequenos grupos e fazem seus pedidos e agradecimentos e depois pode ser feito uma oração da frente por algum tema específico, talvez um tema que Ellen White mais escreveu em seus livros. Exemplos: Segunda vinda de Jesus, Aperfeiçoamento de Caráter, Missão da Igreja.

**Mensagem Musical** – O organizador do programa escolhe o(a) cantor(a).

**Visão: “Viajando pelo Caminho Estreito”**- Enquanto estive em Battle Creek, Michigan, em agosto de 1868, sonhei que estava com uma grande multidão. Parte daquela assembleia



apresentou-se para viajar. Tínhamos carroças abarrotadas. Caminhando nós, a estrada parecia subir. De um lado havia um profundo precipício; e do outro, uma muralha alta, lisa e branca.

À medida que avançávamos, a estrada se tornava mais estreita e íngreme. Nalguns lugares parecia tão estreita que concluímos não mais poder viajar com as carroças carregadas. Desatrelamos os animais para, com parte da bagagem, prosseguir a viagem a cavalo.

Prosseguindo nós, o caminho continuava ainda a estreitar-se. Fomos obrigados a andar junto à muralha, para não cair do caminho estreito ao precipício. Fazendo isso, a bagagem sobre os cavalos apertava-se de encontro à parede e nos compelia para o precipício. Receávamos cair e ser despedaçados nas rochas. Retiramos a bagagem de sobre os cavalos e ela tombou no precipício. Continuamos a cavalo, receando grandemente que, ao chegar aos lugares mais estreitos do caminho, perdêssemos o equilíbrio e caíssemos. Em tais ocasiões, uma mão parecia tomar as rédeas e guiar-nos pelo perigoso caminho.

Tornando-se o caminho mais estreito, vimos que não mais seria possível ir com segurança a cavalo; deixamo-los e prosseguimos a pé, em fileira, um seguindo as pegadas do outro. Neste ponto apareceram pequenas cordas que caíam do alto da alvíssima muralha; estas foram avidamente agarradas por nós para nos ajudarem a manter o equilíbrio no caminho.

Enquanto caminhávamos, a corda prosseguia conosco. O caminho se tornou finalmente tão estreito que concluímos poder viajar com maior segurança sem o calçado; assim, descalçamo-nos e fomos certa distância. Logo decidimos que poderíamos viajar com mais segurança sem meias; estas foram tiradas e viajamos descalços.

Pensamos então naqueles que se não haviam acostumado com privações e dificuldades. Onde estavam esses tais agora? Não se achavam na multidão. Em cada mudança que se fazia, alguns eram deixados atrás, e apenas permaneciam aqueles que se haviam acostumado a suportar dificuldades. As privações do caminho apenas faziam com que estes se tornassem mais ávidos de avançar até ao fim.

Aumentou o nosso perigo de cair do caminho. Comprimíamos junto à muralha branca, e não podíamos nem assentar bem os pés no caminho; pois era estreito demais. Apoiamos então quase todo o nosso peso nas cordas, exclamando: “Temos apoio de cima! Temos apoio de cima!” As mesmas palavras foram proferidas pela multidão toda, no caminho estreito.

Estremecíamos ao ouvir o rumor de folgança e orgia, que pareciam vir do abismo. Ouvimos o juramento profano, a galhofa banal, e cânticos baixos e vis. Ouvi o cântico de guerra, e a canção de dança. Ouvi música instrumental e altas gargalhadas de mistura com pragas, gritos de angústia e pranto amargurado, e ficamos mais ansiosos do que nunca por nos conservar no caminho estreito e difícil. Grande parte do tempo éramos obrigados a ficar com todo o nosso peso suspenso das cordas, que aumentavam de tamanho enquanto prosseguíamos.

Notei que a bela parede branca estava manchada de sangue. Dava um sentimento de pena ver-se a parede assim manchada. Este sentimento, porém, não durou senão um momento, visto que logo achei que tudo era como deveria ser. Os que vêm seguindo atrás saberão que, antes deles, outros passaram pelo caminho estreito e difícil, e concluirão que, se outros foram capazes de vencer, eles próprios poderão fazer o mesmo. E, ao sangrarem seus pés doloridos,



não desfalecerão de desânimo; antes, vendo o sangue na parede, saberão que outros suportaram a mesma dor.

Chegamos finalmente a um grande despenhadeiro, onde terminava o nosso caminho. Nada havia agora para nos guiar os pés, nada em que pudéssemos repousar. Devíamos então depender inteiramente das cordas, que tinham aumentado até ao tamanho de nosso corpo. Ali estivemos por algum tempo imersos em perplexidade e angústia. Indagamos em tímido cochicho: “Em que estará presa a corda?” Meu esposo estava precisamente diante de mim. Grandes gotas de suor caíam-lhe do rosto, as veias de seu pescoço e têmporas haviam crescido tanto que atingiam duas vezes seu volume usual, e seus gemidos abafados e agonizantes eram ouvidos. O suor caía-me do rosto, e eu experimentava uma angústia tal como ainda não havia provado. Terrível luta estava diante de nós. Fracassássemos ali, e todas as dificuldades de nossa jornada teriam sido passadas em vão.

Diante de nós, do outro lado do precipício, havia um belo campo de relva verde, de aproximadamente quinze centímetros de altura. Eu não podia ver o Sol; mas raios de luz, brilhantes e suaves, assemelhando-se ao ouro e à prata fina, rasteavam o campo. Coisa alguma que eu houvesse visto sobre a Terra poderia comparar-se em beleza e glória com esse campo. Mas ser-nos-ia possível alcançá-lo? – essa era a ansiosa indagação. Se a corda se partisse, haveríamos de perecer. Outra vez em angustioso cochicho, foram sussurradas estas palavras: “Em que estará presa a corda?”

Por alguns momentos hesitamos em nos arriscar. Então exclamamos: “Nossa única esperança está em confiar inteiramente na corda. Dela temos dependido em todo o caminho difícil. Ela não falhará agora.” Ainda estávamos hesitantes e angustiados. Foram então proferidas estas palavras: “Deus segura a corda. Não devemos temer.” Estas palavras foram então repetidas por aqueles que estavam atrás de nós, e acompanhadas destas outras: “Ele não nos faltará agora. Trouxe-nos até aqui em segurança.”

Meu marido deu então um salto por sobre o assustador abismo ao belo campo além. Eu segui imediatamente. Oh, que sensação de alívio e gratidão para com Deus experimentamos! Ouvi levantarem-se vozes em louvor triunfal a Deus. Eu era feliz, perfeitamente feliz.

Despertei, e vi que, pela ansiedade que experimentara ao passar pelo caminho difícil, todos os meus nervos pareciam estar a tremer. Esse sonho não necessita de comentário. Produziu-me uma impressão tal que provavelmente cada minúcia permanecerá vívida diante de mim enquanto minha memória perdurar.

Fonte: WHITE, Vida e Ensinos, p. 179-184.

Há uma ilustração dessa Visão que pode ser projetada. Encontra-se no site: <https://adventismoemfoco.wordpress.com/2012/12/06/a-visao-de-ellen-white-do-caminho-estreito/>



### **Características físicas dos profetas em visão:**

1. Os profetas têm consciência de que uma Pessoa sobrenatural com eles Se comunica; eles sentem um senso de indignidade. (Daniel 10:6 e 7; Ezequiel 8: 2; Luca 1: 11 e 12)
2. Os profetas frequentemente perdem as forças. (Daniel 10:8)
3. Os profetas às vezes caem por terra em profundo sono. (Daniel 10:9, Apocalipse 1: 17)
4. Os profetas ouvem e veem acontecimentos em lugares remotos, como se estivessem realmente presentes. (Ezequiel 8, 9, 10 e 11)
5. Os profetas às vezes não conseguem falar, mas, quando seus lábios são tocados, eles conseguem fazê-lo e falam com o Ser que com eles se comunica. (Daniel 10:16; Lucas 1: 18; Atos 9:5)
6. Os profetas muitas vezes não respiram. (Daniel 10:17)
7. Os profetas não têm consciência do que acontece ao seu redor, ainda que tenham os olhos abertos. (Números 24:3 e 4)
8. Os profetas às vezes recebem força suplementar durante a visão. (Daniel 10:10)
9. Os profetas recebem força e alento renovados quando a visão termina. (Daniel 10: 16, 18, 19)
10. Os profetas ocasionalmente sofrem algum tipo de lesão física temporária como sequela da visão. (Daniel 10: 16; Lucas 1: 20; Atos 9: 8)
11. Os profetas recebem sonhos enquanto dormem. (Daniel 7: 1)

**Mensagem Bíblica** – Convide o pastor local ou o Ancião para falar sobre a importância a necessidade do Ministério de Ellen G. White para a Igreja em tempos modernos.